

## INTRODUÇÃO

Não posso furtar-me à defesa do princípio de que o amor pela literatura se inicia com a contação de histórias. Afirmo isso por experiência própria, pois fui seduzido pelo —contar paternoll dos contos, novelas e romance do escritor mineiro João Guimarães Rosa. O encantamento das descrições, a narrativa galopante, o vocabulário regional das Minas Gerais do início do século XX, os neologismos, tudo isso me forneceu o perene passaporte para o universo literário. Na tentativa de manter aquele estado de fremência e arrebatamento, empreendi a leitura de obras que foram produzidas pelo escritor até chegar a seu livro póstumo *Ave, Palavra* (ROSA, 2009).

Esse é um livro híbrido, ou seja, com diversos gêneros textuais, a saber: relato de viagem, diários, poemas, contos, crônicas, reportagens poéticas, artigos e meditações. Dessa —miscelâneall (ROSA, 2009, p.17), como o próprio autor o caracterizou, impressionou-me o texto intitulado *Uns índios (sua fala)*, uma literatura de viagem contemporânea. Tal conceito se fundamenta em discussões teóricas (ROMANO, 2013; SCHEMES, 2015) que reputam esse tipo de texto como uma narrativa —fundada na singularidade do olhar, transfiguração da experiência pela linguagem e referências intertextuais que os espaços desencadeiam na mente do viajante (ROMANO 2013, p. 33).

Em *Uns índios (sua fala)*, a fragrância cultural dos traços estilísticos roseanos se evidenciam em vários saberes ali magistralmente escritos. Essa narrativa caracteriza-se por uma intertextualidade com vários sistemas culturais, fato para o qual o leitor é direcionado quando começa uma leitura mais atenta. Entre esses sistemas modelizantes, destacamos alguns; entre eles, o literário, o histórico e o linguístico. Desses, há um que veio ao encontro de algumas pesquisas empreendidas por mim: o histórico, deflagrado pela referência ao contexto da obra literária *A Retirada da Laguna* de autoria do Visconde de Taunay (1997), publicada em 1871. Esse contexto associado àqueles outros sistemas culturais avultam-se na narrativa convidando-nos a uma análise semiótica do ponto de vista da cultura a partir desse texto roseano.

Por ocasião das aulas de Fundamentos da Semiótica II, ministradas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vania Cristina Alexandrino Bernardo, descobri que a análise realizada

prazerosamente, de forma assistemática sobre a obra, cumpria alguns protocolos operatórios de uma análise semiótica sob a perspectiva da Semiótica da Cultura ou Semiótica Russa. Na ocasião, desenvolvi um trabalho a partir dessa teoria aplicando-a a *Uns índios (sua fala)*, tendo um resultado que me impulsionou a continuar com a pesquisa a qual culminou neste TCC.

A propósito dessa união, a saber, Literatura & Semiótica, Irene Machado (2003) lembra que o primeiro campo da Semiótica a expandir-se à parte da Linguística foi o dos estudos literários, principalmente, o da semiótica da narrativa e o da poesia. Ademais, existe um ponto de interseção entre a Linguística e Literatura — a palavra — que é o primeiro sistema modelizante (MACHADO, Idem). Nos discursos literários, por meio da linguagem verbal, manifestam-se várias significações, que representam realidades de uma determinada cultura, ainda que ficcionalmente.

Assim, objetiva-se nesta pesquisa, semiotizar *Uns índios (sua fala)* sob o ponto de vista da Semiótica da Cultura ou Semiótica Russa, destacando aqueles três sistemas modelizantes mencionados, Literatura, História e Fonologia; e mostrando possibilidades de leituras sob esses vieses a fim de se marcar a interdisciplinaridade que emerge dos saberes dos quais é formado esse texto roseano. A linha de pesquisa adotada será, pois, a dos Estudos Culturais e Educação.

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo, será descrita a trajetória que a Semiótica tem trilhado desde que foi concebida como viés científico até a contemporaneidade, assim como serão discutidos os principais conceitos da Semiótica da Cultura. No segundo momento, trataremos do sistema literário *A Retirada da Laguna* (TAUNAY, 1997). A seguir, o sistema histórico será comentado a partir do episódio *A Retirada de Laguna* contexto social importante e referenciado em *Uns índios (sua fala)*. No quarto capítulo, será semiotizado o sistema linguístico tendo em vista os apontamentos feitos por Guimarães Rosa no texto em foco. Ao final, teceremos algumas considerações sobre esses sistemas correlacionais (LOTMAN, 1979).

A metodologia usada será de caráter qualitativo, com pesquisa aplicada, tendo como objeto o relato de viagem roseano em pauta. Do ponto de vista da abordagem do problema e dos objetivos, foram realizadas pesquisas bibliográficas.

A discussão será, preferencialmente, norteadada pelo trabalho do semiótico russo Yuri Lotman (1978, 1979, 1981 e 2007), disseminador desse recorte semiótico no mundo das Ciências dos Signos e Yuri Lotman e Boris Uspensk (1981). As questões teóricas terão como base os estudos da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irene Machado (2003, 2010, 2013 e 2015) que tem se dedicado à propagação da Semiótica da Cultura (SC) no Brasil. Quanto aos pressupostos gerais da Semiótica, iremos nos respaldar em estudos feitos por Lúcia Santaella (1996, 2002, 2007e 2008), Winfried Nöth (1996, 2008) e Diana Luz P. Barros (2008). Sobre o tema dialogismo, o referencial será Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1992 e 2012).

Esta pesquisa também se valerá dos conceitos básicos de signo propagados pelo semiótico Charles Sanders Peirce (2000), responsável pela sistematização da Semiótica americana, sem deixar de discutir a importância dos estudos estruturalistas do linguista suíço Ferdinand Saussure (1999) para a propagação e disseminação dos estudos sógnicos a partir do final do século XIX.

Também, por questões de desenvolvimento do pensamento sógnico que envolvem a Semiótica, considerar-se-ão as teorias dos semiólogos Roland Barthes (2007a, 2007b) e Umberto Eco (2002, 2004).

## 1-NOÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS SEMIÓTICOS

### 1.1-Bases históricas da Semiótica

A linguagem é a marca da cultura, uma vez que é composta por signos, sendo esses quaisquer representações: verbais ou não, segundo afirma Peirce (2000). Nessa perspectiva cultural de uma leitura sógnica da qual emergem as trocas simbólicas que permitem a comunicação, geram relações sociais, mantêm ou interrompem essas relações, possibilitam o pensamento abstrato e os conceitos, depreende-se que sem linguagem, não há acesso à realidade. Sem linguagem, não há pensamento. Este, por sua vez, implica um processo de semiose ou de significação requerendo, basicamente, sistemas de símbolos e de signos linguísticos ou não linguísticos, codificados por meio de regras de emprego. Nessa articulação, a proposta da Semiótica da Cultura, procura trazer à luz as matrizes tipológicas dos sistemas culturais, considerados grandes textos sob a perspectiva de Lotman (2007), identificando as situações estandardizadas que compõem tais textos.

Nesse entendimento, as sociedades são constituídas de processos sógnicos, posto que o -signo é usado para transmitir uma informação, para indicar alguém, alguma coisa que um outro conhece e que quer que outros também conheçam (ECO, 2004, p. 25). Também se entende que o homem é um animal simbólico (CASSIRER, 2004) e, portanto, todos os signos que o envolvem, sejam eles verbais ou não estão carregados de significado. A partir do pressuposto de que toda cultura representa um conjunto unificado de sistemas, um grande texto, (MACHADO, 2003) e que estes sistemas nada mais são do que os seus códigos culturais, pode-se inferir que determinada cultura será um grande sistema de textos ou sistemas semióticos, ou ainda, sistemas sógnicos.

A palavra ‘\_semiótica’, etimologicamente, vem do grego  $\sigma\epsilon\mu\epsilon\iota\omicron\nu$  (semion) que é traduzida como signo, sinal, sendo definida como —a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura (NÖTH, 2008, p.17). Este semioticista lembra que o termo ‘\_semiótica’ terminologicamente se associa à palavra ‘\_semiologia’, sendo esta, a princípio, um termo ligado aos estudos saussurianos, usada em alguns países de língua francesa, enquanto o termo ‘\_semiótica’ era utilizado nos anglófonos e alemães (Idem, ibidem).

Nessa perspectiva de diferenças terminológicas, existem algumas diferenças em termos conceituais: Semiótica é a ciência dos signos, ou seja, é

mais geral; já a Semiologia se refere somente à teoria dos signos humanos (culturais e textuais). De qualquer forma, tal embate acabou em 1969 quando a Associação Internacional de Semiótica —decidiu adotar semiótica como termo geral do território de investigações nas tradições da semiologia e da semiótica geral (NÖTH, 2008, p.24).

A questão semiótica, no entanto, é bem remota. Vem sendo veiculada desde a Antiguidade greco-latina (1º século) quando o termo *σημiosis* (semiosis) era empregado, na área médica, significando —diagnóstico (MOISÉS, 2013). Esse significado foi privilegiado até o século XVIII, época em que a ciência era conhecida como a —doutrina dos sintomas, continuando com essa acepção, na ciência médica italiana, até a segunda metade do século XX (Idem, ibidem), quando os estudos, na área das Ciências da Linguagem, foram implementados por Ferdinand Saussure. Este junto a Charles Sanders Peirce foram considerados os —pioneiros da semiótica moderna (NÖTH, 1996).

Se formos cogitar o campo da Filosofia, encontraremos a Semiótica, nos anos 300 a.C., em Platão, Aristóteles e nos estoicos, por exemplo (MOISÉS, 2013). Na Idade Média, informa, ainda, esse pesquisador que os estudos nessa matéria vinculavam-se às artes liberais; e nos séculos seguintes, continuaram a atrair os pensadores, como Descartes e Locke, no século XVII; até chegar ao século XX, quando, segundo Japiassú e Marcondes, o filósofo Charles Morris

propôs a constituição de uma teoria geral dos signos, subdividindo-se em uma sintaxe, o estudo da relação dos signos em si. Uma semântica, o estudo da relação entre os signos e a realidade a que se refere; e a pragmática, o estudo dos signos em relação ao seu uso concreto. (1996, p. 244).

Em se tratando do signo linguístico, Ferdinand Saussure foi o primeiro a sistematizar uma teoria que ficou registrada por seus alunos, sendo publicada em 1916, numa obra intitulada *Curso de Linguística Geral* (1999), na qual o genebrino trata da realidade sígnica sob o ponto de vista estruturalista, definindo o signo como uma realidade dual, ou seja, dividindo-o em significante (parte mensurável do signo) e significado (sentido). Houve a seguir um caminho percorrido por linguistas que passaram do estruturalismo linguístico à análise semiolinguística e, posteriormente, à análise semiótica (HÉNAULT, 2006).

Assim, a Linguística é considerada como ciência da linguagem verbal, diferentemente da Semiótica que é a ciência de toda e qualquer linguagem. Santaella (2002) afirma que estamos cercados por —uma rede intrincada e plural de linguagemll (p.10). Portanto, ao definir a Semiótica como ciência geral de todas as linguagens, o que se pretende é definir a Semiótica como a —ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e sentido (SANTAELLA, 2002, p. 13).

Os estudos que antecederam Saussure eram centrados em categorias gramaticais, sistematizadas hierarquicamente. Nesse sentido, a grande revolução saussuriana está no centro da noção de estrutura (SANTAELLA, 2007). Ainda de acordo com essa autora isso quer dizer que —a interação dos elementos que constituem a estrutura da língua é de tal ordem que a alteração de qualquer elemento, por mínimo que seja, leva à alteração de todos os demais elementos do sistema como um todo (Idem, ibidem, p.77). O foco dos estudos de Saussure era a ciência da linguagem verbal, e não algo mais amplo que a Linguística.

A seu turno, como figura importante na Teoria dos Signos, Charles Sanders Peirce (2000) considera que o signo é aquilo que, sob determinado aspecto, representa alguma coisa para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. Nessa operação, é gerado o interpretante. Aquilo que o signo representa é denominado seu objeto. Essa representação caracteriza-se pela relação entre o signo e o objeto. Aqui está uma das tríades peirceanas: o signo, o objeto e o interpretante (NÖTH, 2008).

Representar é estar no lugar de outro, de tal forma que, para uma mente de quem está interpretando, o signo é tratado como sendo o próprio objeto, em determinados aspectos. Para Peirce (2000), o termo representação envolve necessariamente uma relação triádica, que é um esquema do processo contínuo de geração dos signos. É importante lembrar que considerando essa definição peirceana de signo, tal teoria tem sido estudada desde a Idade Média, quando o termo —representaçãoll, segundo Boulnois, citado por Gambarato (2005, p. 205) era *repraesentatio*. Naquele artigo, a pesquisadora, ainda, informa que a Escolástica medieval apresentou expressões como: *Stare pro* (estar no lugar de) — os signos estão no lugar das coisas que os causam e daquelas a que eles se

remetem; e *supponere pro* (supor) – dentro de uma proposição, os termos estão no lugar das coisas a que eles se referem.

Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure que desenvolveram paralelamente seus trabalhos, porém sem intercâmbio de conhecimentos, figuram como os precursores da Semiótica no início do século XX.

Nessa perspectiva, sendo Peirce um cientista-lógico-filósofo, ele apresenta sua semiótica extraído da Fenomenologia todos os seus princípios e, por esse motivo, não se torna possível a compreensão da classificação e definições dos signos, se não forem consideradas as fundações fenomenológicas da Semiótica. Foi por meio da —observação direta dos fenômenos, nos modos como eles se apresentam à mente, que as categorias universais, como elementos formais do pensamento, puderam ser divisadasll (SANTAELLA, 2002, p. 34). Peirce (2000) desenvolveu uma fenomenologia com três categorias universais, chamadas de: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade se refere à categoria do sentimento imediato e presente das coisas, não apresentando nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. A secundidade é quando um fenômeno primeiro é relacionado a outro fenômeno qualquer, sendo considerada a categoria da comparação. E a categoria terceiridade é quando um fenômeno segundo é relacionado a um terceiro. —A base do signo é, portanto, uma relação triádica entre três elementos, dos quais um deve ser o fenômeno da primeiridade, outro da secundidade e o último da terceiridadell (NÖTH, 2008, p.64). O objetivo de Peirce, com sua semiótica concebida como lógica, era o de —configurar conceitos sígnicos tão gerais que pudessem servir de alicerce a qualquer ciência aplicadall (SANTAELLA, 2002, p.55).

Perpassar pelos estudos das Análises Semióticas: Americana (Charles Sanders Peirce), Francesa (Algidas Julien Greimas- Percurso Gerativo de Sentidos) e, finalmente pela Semiótica Russa ou Semiótica da Cultura (Yuri Lotman); muito embora de forma breve, instigou-me o interesse pela disciplina, principalmente por esta última, como ferramenta e instrumento de estudos para uma leitura dos signos culturais que permeiam os textos literários como se verá no próprio objeto deste Trabalho de Conclusão de Curso.

## 1.2-A Semiótica da Cultura ou Semiótica Russa

A Semiótica da Cultura ou Semiótica Russa surge na década de 60 do século XX, no Departamento de Semiótica da Universidade de Tártu, Estônia, em meio aos encontros da "Escola de verão sobre os sistemas modelizantes de segundo grau", reunindo professores da universidade local e também de Moscou (MACHADO, 2003). Um dos traços mais peculiares da Escola foi o fato de que ela era formada por dois centros científicos: um em Moscou, do qual participaram os irmãos Boris e Vladimir Uspenski; Vladimir Toporov, Viatcheslav Vsievodovitch Iavanov; e outro em Tártu, Estônia, composto principalmente por Yuri Lotman, Zara Mints e Boris Egorov. Deriva seus princípios da Linguística, da Teoria da Informação e da Comunicação e da Cibernética (Idem, ibidem).

A força propulsora da criação dessa vertente da Semiótica estava na necessidade de entender a comunicação como sistema semiótico e a cultura como um conjunto unificado de sistemas, ou melhor, como um grande texto. Para isso, os semioticistas reelaboraram o conceito de língua. De acordo com Lotman e Uspenski, esta categoria é um mecanismo semiótico de transmissão de mensagens por meio de um conjunto de signos elementares. Argumentam também sobre o fato de que a língua natural é um sistema modelizante primário uma vez que se constrói a partir de outros mecanismos tais como fonação, grafismo, convenções sócio-culturais (LOTMAN e USPENSKI, 1981).

Sem esse aspecto semântico atribuído à língua, seria impossível estender a noção de linguagem a uma diversidade de sistemas culturais (Idem ibidem) como mito, religião, literatura, teatro, artes, arquitetura, música, cinema, moda, ritos, comportamentos, enfim, os códigos e sistemas semióticos da cultura.

Com base nessas noções, o relacionamento dinâmico entre os sistemas da cultura foi definido como um processo de modelização, segundo a qual a cultura é entendida como texto e a comunicação, como processo semiótico (LOTMAN, 2007). A evolução dos conceitos, durante as duas décadas de trabalhos sistemáticos, evidencia como, no interior da disciplina, se organizaram instrumentos teóricos. O grande mestre de Tártu, o estoniano Yuri Lotman, chamou de modelização o ato de compreender a signicidade dos objetos culturais e como os vários sistemas culturais se relacionam entre si (Idem, ibidem).

Lotman e Uspenski (1981) afirmam que dentro desse processo sígnico, por mais que se atribua à língua o caráter de sistema modelizante primário, limitando



os demais à condição de sistemas modelizantes secundários, não existe hierarquia uma vez que a semiosfera é o lugar no qual signos geram signos e produzem conhecimentos. A propósito, a —semiosfera seria, então, um ambiente com elementos (códigos culturais) significantes, disponíveis de serem acessados (combinados), que vai dar condições às representações, sistemas de signos que vão dar suporte à reprodução e manutenção da cultura (VELHO, 2009, p.255)

Para Lotman (1978, 1979 e 2007), isso significa que todo texto deve estar codificado, no mínimo, duas vezes: pelo código que apreende a informação e a transforma num conjunto organizado de signos; e pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído. Segundo essa linha de raciocínio, signo gera signo, do mesmo modo que texto gera texto. O texto da cultura pressupõe, portanto, a semiotização do entorno. E o ‘trabalho’ fundamental da cultura, consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem:

A cultura é uma geradora de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida, não orgânica, é óbvio, mas de relação (LOTMAN e USPENSKI, 1981, p. 39).

A cultura só gera estruturalidade, por sua capacidade de transformar todas as informações ao seu redor, por mais diversificadas que sejam, em sistemas organizados de signos, impulsionada sempre pelas múltiplas necessidades expressivas (LOTMAN, 2007).

E, nessa perspectiva, o sistema semiótico gerador deste TCC, o relato de viagem *Uns índios (sua fala)*, será analisado a partir da interação entre o observador, João Guimarães Rosa; e os fatos observados, o contexto social dos índios terenos<sup>1</sup>, dentro do processo cultural no qual códigos como a língua, a literatura e a história se realizam.

---

<sup>1</sup> Tendo em vista controvérsias acerca da grafia dos etnônimos, seguiremos o que prescreve BECHARA: -Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamaios, etc. (2001, p. ). Também serão grafados em minúsculas.

## 2- “A RETIRADA” INCLUI VÁRIOS SABERES

A literatura assume muitos saberes. (Roland Barthes)

Para o estudo de um texto literário sob o viés da Semiótica da Cultura como o proposto neste TCC, é exemplar a *Aula*, texto de Roland Barthes (1978). Dele foi extraída a epígrafe deste capítulo. Essa obra barthesiana é a aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977 pelo semiólogo.

É oportuno o contexto de tal fala:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que a provisãoou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. (p.16-17)

Partindo da tese do entrelaçamento de saberes, dentro de um texto literário, como propõe Barthes, associada ao aspecto interdisciplinar peculiar à Semiótica da Cultura, *Uns índios (sua fala)* de João Guimarães Rosa (2009) é um veículo exemplar para uma semiotização segundo os pressupostos da SC. Nele procuraremos modelizar dentro da sociosfera lotminiana (LOTMAN, USPENSKI, 1981), alguns sistemas como a Literatura, a História e a Linguística, conforme já sinalizamos.

Tais sistemas semióticos emanam da cultura que, segundo Velho (2009), é

memória não-genética, um conjunto de informações que os grupos sociais acumulam e transmitem por meio de diferentes manifestações do processo da vida, como a religião, a arte, o direito

(leis), formando um tecido, um *-continuum* semiótico sobre o qual se estrutura o mecanismo das relações cotidianas ( p. 250).

Assim, a cultura é, na visão da Escola de Tártu-Moscú (ETM), como, ainda, acrescentam Aran e Barei, *-inteligência coletiva, um sistema de ‘proibições e prescrições’* (2006, p.46) que molda a dinâmica da vida social, mas leva em consideração não só os aspectos do *socius*, mas todos os fenômenos que incidem sobre a consciência coletiva (VELHO, 2009, p.250), incluindo, é claro, o *bios e o logos*.

Segundo Yuri Lotman (2007), em *Por uma teoria semiótica da cultura*, o conceito *-inteligência* possui muitos aspectos, portanto, não passível de uma definição completa; mas, restringindo-se ao seu aspecto semiótico, torna-se praticável. Segundo o semiótico:

Se definirmos a inteligência por esse ponto de vista, podemos reduzi-la às seguintes funções: 1) A transmissão de informações disponíveis (isto, é dos textos); 2) A criação de informações novas, isto é, dos textos que não absolutamente deduzíveis de acordo com um conjunto de instruções provenientes das informações já existentes, mas que (em algum grau), de alguma forma, não são antecipadamente apresentadas; 3) Memória, isto é, a capacidade de reter e reproduzir informações (textos) (2007, p.56).

A função Memória faz com que um texto não seja somente um gerador de novos significados, mas também um condensador de aspectos culturais. Um texto tem a capacidade de preservar a memória de seus contextos prévios.

Ainda, segundo Lotman (2007), seria de se esperar, que um texto que sobrevive através do tempo, pode se tornar obsoleto e perder sua atualidade informativa. Entretanto, os textos como os literários sempre se reatualizam e demonstram uma capacidade de acumular informações, ou seja, uma capacidade de memória. Assim, *Uns índios (sua fala)* não é somente um relato de viagem de Guimarães Rosa, é também a memória das interpretações (semioses) feitas assim como é memória dos eventos históricos que ocorreram fora do texto e que diziam respeito ao sujeito que transformou a realidade em relato pessoal.

Elaborada e estudada como unidade em movimento, nos diferentes sistemas de signos, a cultura e todas as suas linguagens só permitem a formação de sentido, quando mergulhadas num ambiente que as sustenta, a *sociosfera*. Desta, emergem

linguagens múltiplas que são denominadas de Sistemas de Segundo Grau. Para Lotman (2007), a língua propriamente dita é o sistema primário, pois a partir dela são construídos todos os demais sistemas secundários. A língua modeliza a realidade, dando lastro à mediação social (Idem, ibidem).

O primeiro dos sistemas modelizantes de que trataremos, neste TCC, é o da LITERATURA, a partir do texto *Uns índios (sua fala)*, inserido na obra póstuma *Ave Palavra*, de autoria de João Guimarães Rosa (2009), conforme anunciamos no primeiro capítulo. Acrescenta-se que essa coletânea de relatos de viagem, diários, poemas, contos, crônicas, reportagens poéticas, artigos e meditações foi organizada e compilada cuidadosamente por Paulo Rónai, com sua primeira edição datada do ano de 1973, lançada pela editora Nova Fronteira.

De *Uns índios (sua fala)* passa-se, através do processo de semiose, a um outro texto literário denominado *A Retirada da Laguna*, de autoria do Visconde de Taunay (1997).

Originalmente, o texto *Uns índios (sua fala)* foi publicado, no dia 25 de maio de 1954, no Suplemento —Letras e Artes" do jornal A Manhã. Então, quase 100 (cem) anos separam esse texto roseano do romance *A Retirada da Laguna*, importando não só seu aspecto temporal, mas também seu conteúdo histórico e traços estilísticos. Entretanto, ambas as narrativas preservaram seus contextos culturais, podendo uma complementar a outra. Tais atividades são propícias à modelização que diz respeito à compreensão da signicidade dos objetos culturais e como os vários sistemas culturais se relacionam entre si, gerando novos significados.

O sistema semiótico é construído como resultado da interação entre o observador e os fatos observados. Os sistemas religiosos, mitológicos e sociais são chamados de —textoll, por exemplo. Assim, no texto *Uns índios (sua fala)*, há vários sistemas culturais que se relacionam entre si: História, Literatura, Linguística, etc. Neste capítulo, buscam-se na Literatura os pontos de intersecção entre o texto roseano (2009) e o texto de Taunay (1997), os quais relacionados passam a criar novas informações e a produzir memória.

Ao semiotizar o texto, percebemos que o narrador estabelece camadas justapostas de traços culturais intimamente relacionadas. Ele inicia seu texto relatando o encontro com remanescentes da tribo terena nos arredores de Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul. Descreve toda sorte de desconstrução da cultura indígena, seja no âmbito territorial, com os confinamentos

físicos nas reservas; seja na ordem social com os confinamentos nos subúrbios das grandes cidades e nos subempregos aos quais estão relegados.

Um recurso do narrador, em meio à situação degradante da nação terena, é recorrer à Literatura como se um sopro de arte pudesse revigorar o orgulho daquela nação, num claro processo de semiose, conforme se lê em: —Na Guerra do Paraguai, aliás, serviram, se afirmaram. Deles e de seu comandante, Chico das Chagas, conta *A Retirada da Laguna*” (ROSA, 2009, p. 129).

O tema da narrativa de Visconde de Taunay (1997) retrata um dos episódios mais terríveis da Guerra do Paraguai, quando um Regimento do Exército brasileiro empreendeu uma épica retirada do território paraguaio sob incessante fogo inimigo, exemplificando o conceito de assimetria<sup>2</sup> conforme Lotman (2007) preconiza, uma vez que a binaridade<sup>3</sup> entre os exércitos era a característica fundamental.

Quando Lotman (2007) associa o conceito de inteligência à memória, observa-se que esta função é exemplarmente exercida nos textos roseanos, particularmente, neste que é o nosso objeto de análise. Guimarães Rosa -produz memórias de forma abundante na sua vasta bibliografia. Em *Uns índos (sua fala)*, ele é um condensador de aspectos culturais muito peculiarmente ligados à etnia terena.

A menção contextualizada do autor à obra literária *A Retirada da Laguna*, produzida, em 1871, por Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, primeiro e único visconde de Taunay, (Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1843 — Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1899), acaba produzindo memória ao trazer à luz, para o observador, aspectos culturais, sejam literários ou históricos de época precedente, que chegariam ao tempo presente, de forma fragmentada.

Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o Visconde de Taunay tem seu prestígio literário principalmente em dois livros: *A Retirada da Laguna* e *Inocência*. O primeiro, escrito, originalmente, em francês, foi traduzido para o português por seu filho Affonso d'Escragnolle Taunay, historiador e lexicógrafo.

O fato de a obra literária mencionar a Retirada da Laguna leva a outra leitura, mais superficial ou não, daquela obra de Taunay. Ainda que se saiba que o efeito estético de uma obra não exija que seus fatos sejam comprovados, esse aspecto interdisciplinar é algo inerente à Literatura e à Semiótica da Cultura.

---

<sup>2</sup> Assimetria: o polo negativo como característica mais marcante no texto.

<sup>3</sup> Binaridade. Duas ideias opostas.

Em *A Retirada da Laguna*, o Visconde de Taunay faz notar suas ações como cumpridor de uma tarefa militar, expondo sua perspectiva de observador ao participar do episódio da Guerra empreendida contra o Paraguai. Taunay observou o outro em um espaço desconhecido —o sertão de Mato Grosso, e através dessa observação passou um conceito diferente do que era o Brasil no século XIX, construindo imagens fortes de momentos vividos. Até o momento da publicação da obra, toda a imagem construída do Brasil foi a baseada geograficamente no litoral, caracterizado pela presença da Corte. Contendo passagens ficcionais ou não, Taunay imprime sua perspectiva com imagens fortes e bem nítidas da realidade naquele momento histórico.

### 3- A SEMIÓTICA DOS TERENOS NO ESPELHO DE GUIMARÃES ROSA

Devia ou não devia contar-lhe, por motivo de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Trebusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano – intersecção de planos – onde se completam de fazer as almas? (Guimarães Rosa)

Esta epígrafe, fragmento do conto *O Espelho* de João Guimarães Rosa (2002, p. 74) traz metáforas que traduzem um ponto fundamental para a questão semiótica, o aspecto especular da linguagem cuja característica intrínseca, a interdisciplinaridade, no caso desse relato de viagem roseano em foco, leva-nos ao contexto histórico dos terrenos. Tal contexto só se concretizou na narrativa por conta da função da memória. Sem essa função, não poderia existir a história, já que a cultura das épocas precedentes (e falando de forma mais ampla, sua reprodução da vida) é, inevitavelmente, transmitida a nós em fragmentos.

O segundo dos sistemas modelizantes de que trataremos é o da História. Isso o faremos a partir da sociosfera em que o texto literário *A Retira da Laguna*, mencionado em *Uns Índios (sua fala)*, foi concebido. Esses sistemas, o da Literatura e o da História, são considerados, na visão lotminiana como correlacionais (LOTMAN, 2007). A polaridade<sup>4</sup> (Idem, ibidem) inerente ao ambiente bélico movimenta a significação dos fatos históricos os quais formam o ambiente cultural. Contextualizando, faz-se necessário retornar um pouco aos aspectos da sociosfera<sup>5</sup> a partir dos quais o conflito se inicia.

Em novembro de 1864, o Paraguai declarou guerra ao Brasil, invadindo a região de Mato Grosso, zona de disputa entre colonos e seus respectivos governos por mais de 200 anos. A Guerra do Paraguai foi o mais longo e sangrento conflito ocorrido na América do Sul. Durante 5 anos, Brasil, Argentina e Uruguai, apoiados financeiramente pela Inglaterra, lutaram uma batalha que traria sérias e danosas consequências (GASPARETTO JÚNIOR, 2009)

Dentre tantas batalhas sangrentas ocorridas no período da Guerra, seja em território paraguaio ou não, uma merece certa reflexão, não por se tratar de uma vitória heroica ou de uma derrota fragorosa, mas por ser um feito militar *sui generis*, que a princípio poderia caracterizar uma desonra; qual seja: a fuga de uma coluna do exército brasileiro do território paraguaio.

<sup>4</sup> Polaridade: valor dos opostos.

<sup>5</sup> Sociosfera: ambiente de significação dentro da sociedade.

Sobredita operação militar ocorreu, no ano de 1867, ocasião em que uma coluna do exército brasileiro em fuga, se viu obrigada a abandonar cerca de 122 soldados doentes e feridos, que foram deixados numa clareira da mata, entregues à própria sorte. Até que em 11 de junho de 1867 os sobreviventes da coluna chegavam à localidade ribeirinha de Porto Canuto, última estação da trágica jornada. Este episódio foi retratado na Obra Literária A Retirada de Laguna, do Visconde de Taunay.

Dos três mil soldados enviados inicialmente para compor as tropas que invadiriam o território paraguaio, apenas 700 deles sobreviveram. Entre eles estava o francês Taunay, um engenheiro militar (GASPARETTO JÚNIOR, 2009).

O índios terenos que acompanhavam a coluna, travaram, talvez, as batalhas mais importantes daquele episódio; pois, lutavam na retaguarda, retardando o avanço paraguaio, para que os combalidos sobreviventes avançassem para a salvaguarda em território brasileiro.

Em gratidão pela defesa da pátria, os índios da etnia kadiwéu ganharam uma reserva indígena de Dom Pedro II, localizada no município de Bodoquena (Mato Grosso do Sul) com um território de aproximadamente 350 mil hectares.

O Programa Povos Indígenas no Brasil-Terena (2014) informa acerca dessa etnia:

Últimos remanescentes da nação Guaná no Brasil, os terenos falam uma língua Aruak e possuem características culturais essencialmente chaquenhas (de povos provenientes da região do Chaco). O domínio dos grupos de língua Aruak entre os diversos povos indígenas do Chaco, todos caçadores e coletores, deveu-se ao fato de aqueles grupos serem, de longa data, predominantemente agricultores – e sobre esta base econômica se organizarem socialmente em grupos locais (aldeias) mais populosos, expansionistas e guerreiros<sup>6</sup>.

A seguir, veem-se foto atual (Fig. 1) dos índios terenos e o mapa (Fig. 2) em que estão localizados alguns territórios indígenas, inclusive o da etnia terena.

---

<sup>6</sup> In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL DO BRASIL. **Programa Povos Indígenas no Brasil-Terena**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1042>> Acesso em: 10 fev. 2017.





Fig. 1: Os terenas

Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (EBC, 2017).



Fig. 2: A população indígena- Mato Grosso do Sul<sup>7</sup>

No texto literário *Uns Índios (sua fala)*, através da semiotização do Sistema Modelizante História, retirando sucessivas camadas justapostas, conseguimos —ouvirl o narrador —gritar por socorroll, numa tentativa desesperada de resgate de um bravo e honrado povo, tantas vezes degradado, aculturado, desonrado.

Essa interdisciplinaridade que existe entre os textos literários; no caso, o de Guimarães Rosa (2009) e o de Visconde de Taunay (1997) e o histórico vai ao

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://sanderlei.com.br/PT/Ensino-Fundamental/Mato-Grosso-do-Sul-Historia-Geografia-15>> Acessado em: 10 jan. 16.

encontro do conceito de dialogismo construído por Bakhtin (1992) e seus parceiros Medvediev e Voloshinov, no Círculo Bakhtiniano, conforme afirma Machado (2013).

Para o filósofo e linguista russo,

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra -diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

Convém assinalar que a noção de diálogo ou de dialogicidade bakhtiniana é, em primeiro lugar, um princípio interno da palavra, ou seja, todo discurso está marcado por outros dialogicamente. Outro conceito que se alia à teoria da Semiótica da Cultura é o fato de que um enunciado sempre é precedido e sucedido por outro, caracterizando-se, assim, por uma geração de signos. Um terceiro aspecto semântico diz respeito às vozes que constituem um determinado texto, ou seja, à polifonia. E, ainda, pode-se observar que esse conceito, em Bakhtin, diz respeito à própria dialogização entre os vários tipos de linguagem não verbais associados à verbal (BERNARDO, 2016).

A interdisciplinaridade, baseada no aspecto dialógico, já é evidenciada na apresentação do relato do encontro do narrador com remanescentes da tribo terena nos arredores de Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul: —Urbanizados, vestidos como nós, calçando meias e sapatos, saem de uma tribo secularmente ganha para o civil (ROSA, 2009, p. 129). Ou ainda: —Quase conosco, adiante, chegava também uma terena, a cavalo, com sapatos Anabela e com seu indiozinho ao cololl (Idem, ibidem, p. 131 ).

O narrador continua relatando toda sorte de desconstrução da cultura indígena. Nesse ponto, questões históricas e antropológicas emergem assim como outros saberes se mesclam como referenciado no texto de Barthes (2007b). Nessa perspectiva, o dialogismo —não se manifesta fora da signicidade emanada da esfera histórico-cultural (MACHADO, 2013) , base em que se firma essa semiose.

A resignificação sob a ótica do opressor vai até um dos traços mais peculiares da identidade do homem, seu nome. Assim o narrador se expressa:

Conversei primeiro com dois, moços e binominados: um se chamava U-lá-lá, e também Pedrinho; o outro era Hó-yé-nó, isto é, Cecílio. Conversa pouca (Idem, ibidem, p.129).

Ou, ainda, em:

Depois, no arraial do Limão-Verde, 18 km de Aquidauana, pé de serra de Amambaí, visite-os: um arranchamento de -dissidentesll – 60 famílias, 300 e tantas almas índias, sob o cacicado do naa-ti, ou Daniel, capitão (Idem, ibidem, p. 130).

Em *Uns índios (sua fala)*, João Guimarães Rosa (2009) mescla os Sistemas Modelizantes da Literatura e da História e remodeliza a cultura da nação terena, evidenciando o conceito de fronteira (LOTMAN, 2007), isto é, o conjunto de pontos que estão simultaneamente no espaço exterior ao texto (História) mais aqueles que se abrigam na própria narrativa literária, num dialogismo como concebe Bakhtin (1992), evidenciando um claro processo de semiose já proposto ao leitor na introdução da narrativa: —Na Guerra do Paraguai, aliás, se afirmaram. Deles e de seu comandante, Chico das Chagas, conta A Retirada da Laguna II (2009, p. 129).

#### 4- SEMIOTIZANDO VELHOS MISTÉRIOS

-Toda língua são rastros de velho mistérioll (ROSA, 2009, p. 132 ).

Em outro processo de semiose, retirando mais uma camada sobreposta, observa-se o sistema cultural da Fonologia.

Mais do que estudar a natureza física dos sons da fala (Fonética), a Fonologia —trata da maneira como os sons funcionam nas línguas, e é uma parte central da Linguística (TRASK, 2011, p. 117). Ao analisar a maneira como esses sons se organizam dentro de uma língua, podemos classificá-los em unidades capazes de distinguir significados, chamadas fonemas. É preciso antes saber a diferença entre língua e fala. Podemos, assim, recorrer à dicotomia saussuriana, *langue* & *parole*, diante da qual, Saussure (1999) define a *langue* como um sistema de signos utilizados por uma mesma comunidade; enquanto a *parole* é o uso que cada pessoa faz da língua. A fala inclui os sons da língua que são emitidos por nosso aparelho fonador, dentro dos contextos específicos carregados de significações.

Tais significações dizem respeito ao referente no qual o signo linguístico está sendo veiculado. Dessa forma, é necessário lançar mão do conceito de *sociosfera* (LOTMAN e USPENSKI, 1981, p. 39), ou seja, do campo social em que os signos são gerados e circulam. Dentro de tal perspectiva, não há como analisar os aspectos linguísticos isoladamente. Eles existem dentro de um contexto social e para tanto as Ciências Sociais lançam base para um estudo mais completo das funções sociais da linguagem.

Tendo em vista o sistema linguístico, a partir de aspectos que incluem traços fonológicos (Fig. 3-Aparelho Fonador) e, subliminarmente, o sociológico, destaca-se novamente o conceito de *fronteira*, que abriga os elementos que estão dentro e os que estão fora de um determinado sistema semiótico. No caso, o que está dentro do espaço semiótico é o próprio relato em si que é significado a partir do que está fora desse sistema, todo o espaço social no qual se configura a significação.

## FISIOLOGIA DA VOZ

### Aparelho FONADOR – PRODUÇÃO DA VOZ



Fig. 3- Aparelho Fonador.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, o sistema linguístico, nesse relato de viagem, está sendo tratado ao lado do sociológico. Em *Uns índios (sua fala)*, as questões fonéticas ganham importância textual como um dos sistemas ali descritos, uma vez que o escritor caracteriza a língua dos terenos tendo em vista os aspectos sociais (e também psicológicos) dos seus falantes.

Guimarães Rosa, observador da língua, não apenas da portuguesa em todas as suas variantes, mas de outras, pôde pesquisar em uma de suas muitas viagens pelo interior do Brasil, a língua terena. Tentou compreendê-la através de traços de sua sintaxe ou de sua morfologia. Isto pareceu, num primeiro momento, um processo seguro de descoberta de significados. Sobreditas observações acabaram por influenciar sua literatura, chegando até a —enveredar-sell pela Linguística, conforme podemos constatar em *Uns índios (sua fala)*:

A surpresa que me deram foi ao escutá-los coloquiar entre si, em seu rápido, ríspido idioma. Uma língua não propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firme, contida, oclusiva e sem molezas – língua para gente enérgica e terra fria. Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individuada extensão de som, fio crespo,

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.eav.eng.br/tech/fisiologia/Constituiodoaparelhofonadorhumano.html>>. Acesso em: 01 fev. 17.

em articulação soprada: e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas. Respeitei-a, pronto, respeitei seus falantes, como se representassem alguma cultura velhíssima (ROSA, 2009, p. 130).

Os membros da sociedade terena, mesmo obrigados a interagir e submetidos à cultura dos brancos, dão mostras de resistência com a preservação de sua cultura através da língua.

Apesar dos seus nomes brancos, nominam seus membros, os seres, os elementos da natureza com nomes na língua terena, bem como mantêm a comunicação entre si sempre estabelecida em seu idioma nativo. Vejamos um fragmento (Idem, ibidem, p. 130):

*Deram-me o sentido de um punhado de palavras, que perguntei. Soltas, essas abriam sua escandida sílabação, que antes desaparecia, no natural da entrefala. Eis, pois:*

*frio – kás-sa-tí*

*onça – sí-i-ní*

*peixe – khó-é*

*rio – khú-uê-ó*

*Deus – í-khái-van'n-u-kê*

*cobra – kóe-ch'o-oé*

*passarinho – hê-o-pen'n-o (h aspirado)”*

*“A notação, árdua, resultou arbitrária. Só para uma idéia. E, óbvio, as palavras trazidas assim tão remortas, sem velocidade, sem queimo. Mas, ainda quando, fere seu forte arrevesso.*

Há mais de duzentos anos, mais precisamente a partir do ano de 1758, a maior exigência do colonizador foi a imposição da língua portuguesa como forma de supressão da cultura do colonizado.

Tal afirmação é lastreada pela política de lusitanização da colônia implantada pelo Marquês de Pombal, através da publicação do seu diretório datado do dia 3 de maio de 1757, confirmado por D. José I em 17 de agosto de 1758, que assim determina:

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos Povos conquistados seu próprio idioma, por ser indisputável, que esse é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade de seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando, pois, todas as Nações polidas do Mundo este

prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservaram. Para desterrar este perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da Língua própria das suas Nações, outra chamada Geral; mas unicamente da Portuguesa forma, que sua Majestade tem recomendado em repetidas Ordens, que até agora não se observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado (ALMEIDA, 2011).

Mesmo após todos os ataques perpetrados ao longo da história, João Guimarães Rosa pôde ouvir, estudar, analisar, pesquisar a língua terena sob a perspectiva da Fonologia. Ele soube —escutarll os índios: *“Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individuada extensão de som, fio crespo, em articulação soprada: e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas”* (2009, p. 130).

Num ambiente em que fonologia-língua-literatura se entrelaçam, o conceito da logosfera lotminiana se evidencia como o regente das significações (BERNARDO, 2016) . Acerca das funções do escritor e do linguista, em *Literatura e outras Linguagens*, no capítulo —O escritor escuta os índiosll, Beth Brait (2013) observa que apesar da utilização de conhecimentos específicos da fonologia e fonética, o narrador/escritor de *Uns Índios (sua fala)* acaba constatando, que os campos do escritor e do linguista são diferentes, necessitando de instrumentos próprios e posições diferenciadas para detectar as peculiaridades da linguagem e dos sujeitos históricos que as veiculam. De qualquer forma a palavra produz memória e cultura, numa perspectiva dialógica que caracteriza todo o trânsito semiótico (BENARDO, 2016).

Mesmo que o narrador/escritor não tenha chegado a bom termo, no que tange à compreensão dos significados, sua literatura como fonte reveladora de aspectos de uma língua, de sua forma de organização, sua intrincada relação entre a vida e seus falantes, o que nem sempre pode ser interpretado pela lógica

analítica, abre e descortina a forte ligação que uma língua estabelece com uma determinada cultura.

O esforço do narrador/escritor quando da interpretação dos significados, nasce da necessidade do estabelecimento do diálogo enquanto instrumento de transformação do mundo.

Tomando-se a concepção dialética do diálogo como configurador do caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens, ou seja, como elemento humanizador e transformador da realidade, observa-se o esforço do narrador/escritor na tentativa de valorização do interlocutor, buscando nas palavras da língua terena significações poéticas e históricas, conforme postula Paulo Freire:

(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (FREIRE, 2010, p. 91).

Obedecendo a essa premissa, João Guimarães Rosa dá ao diálogo um propósito marcadamente social, voltado para a libertação e valorização do seu semelhante, e não como instrumento de dominação e alienação do outro, aproximando realidades diferentes, promovendo o reconhecimento como seu semelhante. Nesse sentido, ele admite uma sociosfera com esses valores humanísticos.

Segundo Fabio Scorsolini-Comin, em *Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância* (2014), para que o diálogo possa ser estabelecido, é preciso que os homens reconheçam-se como iguais, possam partilhar sentimentos, expectativas e necessidades, em uma relação de simetria: —Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros isto, em que não reconheço *outros eu*? (FREIRE, 2010, p. 93, grifos do autor).

O reconhecimento do outro como igual não pressupõe o não reconhecimento da diversidade constitutiva dos seres humanos, mas a simetria em termos sociais que deve ser buscada. Ou seja, quando reconheço o outro como



semelhante estou desenvolvendo esse conceito de simetria dentro do próprio espaço da semiosfera ligada ao meu sistema cultural (LOTMAN, 2007).

Isso o narrador/escritor fez, buscando a todo instante, descobrir as significações, para o estabelecimento do diálogo como instrumento de -remissão do povo tereno. Ele desenvolve sua própria semiose fazendo uma análise da história textual, como admite o ponto de vista da semiótica da cultura, ou seja, de acordo com os textos culturais em sistemas segundo a lógica interna de uma cultura tolerante. Quando Rosa (2009) tenta fazer a análise morfológica dos sufixos, ele o faz na tentativa de encontrar o problema, isto é, o intrincado das relações semânticas como propõe a Semiótica da Cultura (BERNARDO, 2016).

E narrador não consegue, como já comentamos, desvendar os mistérios daqueles processos de formação de palavras. No entanto, consegue caracterizar aquela língua dos terenos.

Ainda, segundo Fabio Scorsolini-Comin, o diálogo não seria uma instância apenas de negociação e de mediação de conflitos, mas um espaço no qual esses embates poderiam ser acolhidos e repensados, de modo a contribuir com a compreensão de uma realidade macro, a realidade social.

Bakhtin, precursor do conceito de dialogismo afirma que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra -diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

Guimarães se valendo de um relato de viagem do encontro com os índios terenos, faz uma análise da língua deles e fala daquela etnia ao fazer uma denúncia social em favor daqueles lutadores. Ele, o escritor, diante de outra luta, a que empreendeu com as palavras, ao se referir à língua daqueles homens bravos, admite: -Respeitei-a, pronto, respeitei seus falantes, como se representassem alguma cultura velhíssima (2009, 130).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuna a lembrança da *Aula* barthesiana que sintetiza a característica fundamental do texto roseano em pauta, a saber, a interdisciplinaridade, fundamento dos pressupostos da Semiótica da Cultura.

Em *Uns Índios (sua fala)*, se amalgamam vários sistemas além dos comentados neste TCC. Os eleitos neste Trabalho (o histórico, o literário e o linguístico) são apenas três dos muitos enfoques que a literatura roseana analisada assumiu. Tais aspectos vêm de diversificados saberes que permitem a análise de camadas, intencionalmente entrelaçadas pelo narrador/escritor, com a finalidade de despertar e aguçar no observador o interesse pelos múltiplos sistemas culturais ali envolvidos.

Nessa perspectiva, o nosso objetivo foi demonstrar que o protocolo da análise semiótica, sob o viés russo, ao se apropriar do conceito de dialogismo bakhtiniano, pode ser um caminho metodológico interessante nos estudos de textos nos quais a interdisciplinaridade é uma característica que coopera para a aprendizagem uma vez que dá a oportunidade aos alunos para entretecerem seus conhecimentos, ajudando na solidificação de seus saberes.

Ademais, guardadas as devidas proporções, o trabalho de semiotização que nos propusemos, modelizando alguns sistemas culturais, contidos no relato de viagem *Uns Índios (sua fala)*, proporcionou uma sensação de descoberta e libertação.

A semiosfera estudada nesta pesquisa a partir do texto roseano, mal comparada ao grande bloco de mármore, constituído por seus muitos sistemas culturais, percorreu com a análise realizada sob a perspectiva da Semiótica Russa, sucessivas descamações, fazendo com que aflorassem sistemas culturais vastos, interessantes e necessários no que concerne à produção de memória.

Num primeiro momento, a proposição, talvez, possa parecer um tanto quanto ambiciosa, merecedora de maiores pesquisas e aprofundamento; mas, levando-se em consideração os prazeres da pesquisa e das descobertas, qualquer risco valeu a pena.

Há um princípio na Semiótica da Cultura: quanto maior o nível de formalização, menor a abstração; quanto menor o nível de formalização, maior a

abstração. Assim, em se tratando de um texto literário, o nível de formalização é pequeno se formos comparar à análise de um mito, uma peça teatral, por exemplo, objetos que possuem muitos elementos concretos para serem semiotizados. A língua é um objeto, em si, abstrato. E, tendo como referência quaisquer textos de João Guimarães Rosa, todo o esforço jamais seria conclusivo ao ponto de exauri-lo em termos de significação. Esse foi um dos desafios desta Pesquisa.

Outra questão que merece consideração é o fato de, como observador, poder ter tido a oportunidade de modelizar os sistemas culturais propostos, reproduzindo, assim, memória a partir de outras memórias. Ou seja, personificando um princípio da Semiótica da Cultura (SC): signo gera signo.

Não sem esforço, este Trabalho de Conclusão de Curso, sem pretensão de ser conclusivo, chega ao fim com a satisfação de ter trabalhado uma obra de João Guimarães Rosa em alguns detalhes de seus mistérios.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (ROSA, 2001, 334).

## REFERÊNCIAS

### OBRAS CITADAS

- ALMEIDA, Rita Heloísa de. **O diretório dos índios**: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII. Disponível em: [http://www.nacaomestica.org/diretorio\\_dos\\_indios.htm](http://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios.htm).> Acesso em: 23 jul. 2011.
- ARÁN, Pampa Olga; BAREI, Sílvia. **Texto/memoria/cultura**: el pensamiento de Yuri Lotman. 2. ed. Córdoba: El Espejo, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 14.ed., Trad. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. 14. ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- BERNARDO, Vania Cristina Alexandrino Bernardo. *O Efeito pigmalião na sociedade contemporânea via semiótica da cultura*. In: **IV Semana das Licenciaturas-IFF**, Campos dos Goytacazes: 2016.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2013, p.53-56.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das trocas simbólicas**: segunda parte: O pensamento mítico. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). **Mais um índio terena é baleado em Sidrolândia**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/mais-um-indio-terena-e-baleado-em-sidrolandia>.> Acesso em: 20 jan. 2017.
- ECO, Umberto. **O Signo**. 6. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GAMBARATO, Renira Rampazzo. **Signo, significação, representação**. Revista Contemporânea, n. 4, 2005.1 p.204-214. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_04/contemporanea\\_n04\\_18\\_ReniraRam.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_18_ReniraRam.pdf).> Acesso em: 30 jan. 2016.
- GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. **Retirada de Laguna**. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/guerra-do-paraquai/retirada-de-laguna>.> Acesso em: jan. 2017.
- HÉNAULT, Anne. *Do Semiolinguístico ao Semiótico* In: **História Concisa da Semiótica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 125-145.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL DO BRASIL. **Programa Povos Indígenas no Brasil-Terena**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1042>>

Acesso em: 10 fev. 2017.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LOTMAN, Yuri Mikhailovich. **A estrutura do texto artístico**. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

\_\_\_\_\_. -Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979, 31-41.

\_\_\_\_\_. **Por uma teoria semiótica da cultura**. Trad. Fernanda Mourão. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

LOTMAN, Yuri Mikhailovich; USPENSKI, Boris. *Sobre o mecanismo Semiótico da Cultura*. In: **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981, p. 37-66.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da Cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, FAPESP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da Escola Semiótica da Cultura – Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 143, Jul/Dez. 2013.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. Ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica do Século XX**. 2. ed., São Paulo: Annablume, 1996.

\_\_\_\_\_. **Panorama da Semiótica: De Platão a Peirce**. 1ª ed., São Paulo: Annablume, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2.ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea**. Estação Literária Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013. ISSN 1983-1048 - Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>. Acesso em: fev. 2017.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *O espelho*. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2002. p.73-74.

\_\_\_\_\_. *Uns índios (sua fala)*. In: \_\_\_\_\_. **Ave, Palavra**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p.129-132.

SANTAELA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHEMES, Elisa Freitas. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa.** XVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. ***Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância.*** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 30, n. 03, p.245-265, jul./set. 2014.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai.** Organização Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VELHO, Ana Paula. **A Semiótica da Cultura:** apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. *In:* Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS CONSULTADAS

- BARROS, Diana Luz Passos. **Teoria semiótica do Texto**. 4 ed., São Paulo: Ática, 2008.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 14 ed. Trad. Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de Semiótica**. 4a ed., São Paulo: Perspectiva, 2002 .
- JACKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. 24.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MACEDO, Tatyane Vanini. **A Retirada da Laguna de Visconde de Taunay: O Relato de Viagem como fonte literária**. Disponível em: <[http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=1321](http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=1321)>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- MACHADO, Irene. **Cultura em campo semiótico**. In: Revista USP, São Paulo: n.86, p. 157-166, junho/agosto 2010.
- \_\_\_\_\_. **Experiências do espaço semiótico**. In: Estudos de Religião, v. 29, n.1. jan/jun, 2015.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 3.ed., São Paulo: Cultrix, 1987.
- SANTAELLA, LÚCIA. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008, cap 1.
- SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem – cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- TORRES, Desire Blum Menezes. *Semiótica da Cultura: Uma Análise nos Supermercados de Rede*. In: **Revista Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**: Blumenau, 2009.

## ANEXO A

### UNS ÍNDIOS (SUA FALA)

Refiro-me, em Mato Grosso, aos Terenos, povo meridional dos Aruaks. Logo desde Campo Grande eles aparecem. Porém, se mal não me informo, suas principais reservas ou aglomerações situam-se em Bananal, em Miranda, em Lalima e em Ipegue, e perto de Nioaque. Urbanizados, vestidos como nós, calçando meias e sapatos, saem de uma tribo secularmente ganha para o civil. Na Guerra do Paraguai, aliás, serviram, se afirmaram; deles e de seu comandante, Chico das Chagas, conta *A Retirada da Laguna*.

Conversei primeiro com dois, moços e binominados: um se chamava U-lá-lá, e também Pedrinho; o outro era Hó-yé-nó, isto é, Cecílio. Conversa pouca.

A surpresa que me deram foi ao escutá-los coloquiar entre si, em seu rápido, ríspido idioma. Uma língua não propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firme, contida, oclusiva e sem molezas – língua para gente enérgica e terra fria. Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individida extensão de som, fio crespo, em articulação soprada: e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas. Respeitei-a, pronto, respeitei seus falantes, como se representassem alguma cultura velhíssima.

Deram-me o sentido de um punhado de palavras, que perguntei. Soltas, essas abriam sua escandida silabação, que antes desaparecia, no natural da entrefala. Eis, pois:

frio – kás-sa-tí

onça – sí-i-ní

peixe – khró-é

rio – khú-uê-ó

Deus – í-kháí-van'n-u-kê

cobra – kóe-ch'óé

passarinho – hê-o-pen'n-o (*h* aspirado)



A notação, árdua, resultou arbitrária. Só para uma idéia. E, óbvio, as palavras trazidas assim tão remotas, sem velocidade, sem queimo. Mas, ainda quando, quando fere seu forte arreverso.

Depois, no arraial do Limão-Verde, 18 km de Aquidauana, pé de serra de Amambaí, visitei-os: um arranchamento de -dissidentesll – 60 famílias, 300 e tantas almas índias, sob o cacicado do *naa-ti Tani* ou Daniel, capitão.

O lugar, o Limão-Verde, era mágico e a-parte, quase de mentira, com excessivo espesso e esmalte na verdura, como a do Oxfordshire em julho; capim intacto e montanhas-mangueiras, e o poente de Itália, aberto, infim, pura cor.

Quase conosco, adiante, chegava também uma terena, a cavalo, com sapatos Anabela e com seu indiozinho ao colo. Quisemos conversar, mas ela nem deixou. Convenceu o cavalo a volver garupa, dando-nos as costas, e assim giraram, e desgiraram, quanto foi preciso.

Mas, ao avistar-nos, o capitão Daniel rompeu de lá, com todos os seus súditos. E ele era positivo um chefe, por cara e coroa. Sua personalidade bradava baixinho. Em qualquer parte, sem impo, só de chegar, seria respeitado. O descalabro, a indigência, o aciganamento sonso de seu pessoal, não lhe tolhiam o ar espaçoso, de patriarca e pompa. Ele representava; e, com ritual vazio e simples palavras, deu-nos, num momento, o esquema de uma grande hospitalidade.

Enquanto podia, entretive-me também com um grupo: Re-pi-pi (-o cipóll), I-li-hu, Mó-o-tchó, Pi-teu, E-me-a-ka-uê, e Bertulino Divino Quaaauagas. Eu fazia perguntas a um – como é isso em língua terena? Como é aquilo? – e ele se esforçava em ensinar-me; mas os outros o caçoavam – Na-kó-i-kó? Na-kó-i-kó? (—Como é que vamos? Como é que vamos?ll – *K'mok'wam'mo?* – quer dizer – Como é que Você se sai desta?...) )

Apenas tive tempo de ir anotando meu pequeno vocabulário, por lembrança. Mais tarde, de volta a Aquidauana, relendo-o, dei conta de uma coisa, que era uma descoberta. As cores. Eram:

vermelho – a-ra-ra-i'ti

verde – ho-no-no-i'ti

amarelo – He-ya-i'ti

branco – ho-po-i'ti

preto – ha-ha-i'ti

Sim, sim, claro: o elemento *i'ti* devia significar: —corll – um substantivo que se sufixara; daí a-ra-ra-i'ti seria —cor de ararall; e por diante. Então gastei horas, na cidade, querendo averiguar. Valia. Toda língua são rastros de velho mistério. Fui buscando os terrenos moradores em Aquidauana: uma cozinheira, um vagabundo, um pedreiro, outra cozinheira – que me sussurraram longas coisas, em sua fala abafada, de tanto finco. Mas i'ti não era aquilo.

Isto é, era não era. *I'ti*, queria dizer apenas —sanguell. Ainda mais vero e belo. Porque, logo fui imaginando, *vermelho* seria —sangue de ararall; *verde*, —sangue de folhall, por exemplo; *azul*, —sangue do céull; *amarelo*, —sangue do solll; etc. Daí, meu afã de poder saber exato o sentido de *hó-no-nó*, *hó-pô-há-há* e *hê-yá*.

Porém, não achei. Nenhum – diziam-me – significava mais coisa nenhuma, fugida pelos fundos da lógica. Zero nada, zero. E eu não podia deixar lá minha cabeça, sozinha especulando. *Na-kó i-kó?* Uma tristeza.

ROSA, João Guimarães. *Uns índios (sua fala)*. In:\_\_\_\_\_. **Ave, Palavra**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p.129-132.